Intervenção nos 40 anos da UDP – Joana Mortágua

Nunca como hoje o marxismo revolucionário foi a palavra de ordem para reiventar o futuro.				
Â				
intervenção de Joana MortÃ;qua, Presidente da Direção Nacional da UDP				

Â

Camaradas

Â

Obrigada a todos por estarem aqui, aos comunistas da UDP e aos bloquistas, companheiros do nosso caminho, camaradas do nosso partido, que quiseram comemorar connosco os 40 anos da UDP.

Quero agradecer também, e em especial, aos convidados do colóquio desta tarde, Xosé Manuel Beiras e Manolo Monereo, e também ao Alberto Matos. É um verdadeiro privilégio reunir tantas e tão boas cabeças para debater os rumos do marxismo, e só por isso este jÃ; seria um dia especial.

Acho mesmo que não poderÃ-amos ter encontrado melhor forma de lançar a comemoração deste aniversário da UDP do que continuar a dar vida à s ideias que nos formaram, que nos abrem os horizontes do futuro.

É essa a linha com que vamos cosendo as lutas de todos os dias e que nos trouxe até aqui, quase meio século depois, para comemorar os 40 anos da União Democrática Popular.

40 anos de um partido que colocou no nome a sua bandeira. Um partido que fixou a democracia popular como objetivo e por ela juntou milhares de lutadores e lutadoras. Um partido nascido de Abril que propôs à Assembleia Constituinte, pela primeira vez na História portuguesa, a Republica Popular como projeto de Constituição, e que dentro e fora da Assembleia se bateu na luta social por essa alternativa popular.

A UDP votou a Constituição de Abril de 1976. A democracia popular era um projeto de transição para a sociedade socialista. Independentemente das suas interpretações históricas, do leste europeu ao oriente, a democracia popular era já entendida como a transição para socialismo em que o poder dos trabalhadores estabelecia uma aliança com as classes médias do campo e da cidade.

A UDP foi capaz de apresentar este projeto que foi combatido e reprovado pelos outros partidos, mas isso não nos impediu de votar a Constituição de Abril. E mesmo quando houve duvidas, e convém não esquecer que só o CDS votou contra, Diogenes Arruda, o "velho" como sempre ouvi chamar-lhe, não nos deixou falhar.

Vale a pena recordar o que dissemos nesse dia histórico em que pela voz e pelo braço de Afonso Dias votamos e aprovamos a Constituição de 76:

"Ao concluirmos a nossa participação na Assembleia Constituinte estamos firmemente convictos de que defendemos as aspirações e os interesses fundamentais do povo português. A Assembleia Constituinte foi para a UDP uma frente de luta subordinada à verdadeira e decisiva luta que o povo trava diariamente na rua, no local de trabalho e habitação contra os seus opressores e exploradores, pela sociedade justa a que tem direito. Fomos porta-vozes das

http://www.udp.pt Produzido em Joomla! Criado em: 17 November, 2025, 18:43

reivindicações populares, procurámos sempre aproveitar este local para as divulgar e apoiar. Denunciámos as manobras fascistas e de conciliação com o fascismo que aqui tiveram lugar.

O nosso projecto de Constituição foi rejeitado. Mas nem por isso deixámos de lutar para que a Constituição aqui aprovada fosse o mais possÃ-vel favorável aos trabalhadores. Votamos sempre todas as propostas que pudessem servir a luta do povo, independentemente de quem as apresentasse. Propusemos alterações no sentido de melhorar o conteÃodo de muitos artigos e opusémo-nos a todas as propostas ou alterações antipopulares."

Esses anos da brasa de 75 e 76 marcaram a UDP futura, a UDP que partiu das conquistas de Abril para ir mais longe, foi aÃ- que enterramos raÃ-zes e é nessa terra que continuamos a por o pé. E por isso a UDP regressa sempre ao seu projeto.

Há 40 anos estava lá tudo, na cabeça e nos corações daqueles jovens marxistas estavam estas ideias que nos juntam ainda hoje. O mundo mudou, o socialismo como o entediamos já não é o mesmo, o capitalismo é mais bárbaro, as querras são mais destruidoras, a ameaça ecolóqica é a uma realidade.

A UDP foi capaz de se redefinir num campo de forças mais vasto como é o Bloco de Esquerda e, no entanto, a dialética inicial é aquela que está presente sempre, a mesma tensão entre a defesa das conquistas democráticas e a transição para o socialismo, o campo mais avançado da luta. A mesma tensão presente na Constituição.

Russia, China, Albania, Vietnam, Cuba são referencias do passado. Nunca como hoje o marxismo revolucionário foi a palavra de ordem para reiventar o futuro.

O imperialismo tem novas caracterÃ-sticas e é mais agressivo, o capitalismo procura caminhos da reação polÃ-tica e do autoritarismo.

A UDP que em 75 não se enganou sobre o imperialismo quando dizia que não podÃ-amos defender um imperialismo contra outro, e por isso gritávamos "nem NATO, nem Pacto de Varsóvia", renova esse grito confiando nos povos e só nos povos para enfrentar e derrotar o imperialismo.

A mesma fibra que temos hoje \tilde{A} © a que $t\tilde{A}$ -nhamos $h\tilde{A}_i$ 40 anos: a fibra dos revolucion \tilde{A}_i rios, dos que arriscam, dos que aprendem, dos que nunca esquecem onde $t\tilde{A}^a$ m as suas ra \tilde{A} -zes, as mais profundas, as do pensamento.

Como dissemos em 1976 "é a luta do povo e só ela que é decisiva". A memória das lutas operárias e populares é consciência presente. A compreensão da centralidade do trabalho e da luta de classes é ferramenta presente. A ação no Bloco de Esquerda e na luta polÃ-tica atual é experiência renovada, a reivenção é própria dos marxistas, é própr de quem constrói o futuro.

 $H\tilde{A}_i$ 40 anos que escolhemos a via da democracia popular, $h\tilde{A}_i$ 40 anos que lutamos pelo socialismo. A UDP tem a fibra dos construtores de utopias.

é a vÃ3s, construtores de utopias, que dedico esta comemoração.

Â

Joana Mortágua, Presidente da Direção Nacional da UDP

Â

imagem: Joana Mortágua. UDP 40 anos de luta. foto de Carlos Guedes

http://www.udp.pt	Produzido em Joomla!	Criado em: 17 November, 2025, 18:43